

O esporte para pessoas com deficiência na Educação Física: um relato de experiência

Sport for persons with disability in physical education: an experience report

Natália Papacídero Magrin
Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM
Laudeth Alves dos Reis
Universidade Federal do Triângulo Mineiro- UFTM
Naíma de Paula Salgado Chaves
Instituto Federal do Triângulo Mineiro - IFTM
Uberaba-Minas Gerais-Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo é apresentar a possibilidade de inserção do esporte para pessoas com deficiência como conteúdo das aulas de EF a partir do relato de experiência em turmas do ensino médio integrado de uma escola pública. Foi realizado a partir da metodologia de relato de experiência, com a inclusão do esporte para pessoas com deficiência em aulas de EF predominantemente para alunos sem deficiência e pautado na revisão bibliográfica. A técnica utilizada foi à observação assistemática. O planejamento das atividades foi por semanas, sendo a primeira dedicada à apresentação e conhecimento dos esportes inclusivos e o estudo detalhado do Golbol, as duas semanas seguintes foram organizadas em grupos de trabalho. O esporte para pessoas com deficiência é um conteúdo possível para a EF escolar na rede pública de ensino, mesmo que em muitos casos sejam necessárias adaptações.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Esporte para pessoas com deficiência; Inclusão.

Abstract

This article aims to present the possibility of insertion of sport for people with disabilities as content of Physical Education classes from the experience report in integrated high school classes in a public school. It was carried out based on the author's experience reporting methodology, with the inclusion of sports for people with disabilities in Physical Education classes predominantly for students without disabilities and based on the bibliographic review. The technique used was unsystematic observation. The planning of the activities was for weeks, the first being dedicated to the presentation and knowledge of inclusive sports and the detailed study of Goalball, the next two weeks were organized in working groups. Sport for people with disabilities is a possible content for school Physical Education in the public school system, even though in many cases adaptations are necessary.

Keywords: School Physical Education; Sport for people with disabilities; Inclusion.

O esporte para pessoas com deficiência na Educação Física: um relato de experiência

Introdução

A Educação Física como conteúdo escolar obrigatório desenhou-se ao longo de sua história a partir dos jogos, danças, lutas, ginásticas e esportes, conteúdos aplicados em sua diversidade e complexidade de acordo com o nível educacional do estudante (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio).

Dentre estes conteúdos, certamente o esporte é um dos mais presentes no cotidiano das aulas de Educação Física escolar, por sua amplitude e capacidade de abrangência é tido nas escolas como conteúdo principal da disciplina. Na educação inclusiva, o esporte deve respeitar os princípios de desenvolvimento humano e as características das pessoas com necessidades específicas a fim de favorecer a inclusão.

O esporte para pessoas com deficiência, conforme tradução do termo internacional “*Sport for Persons with a Disability*”, é uma possibilidade de prática esportiva para as pessoas com necessidades específicas, tendo as regras, os fundamentos e a estrutura adaptados a cada realidade (COSTA E SILVA *et al*, 2013). Estes esportes devem compor o currículo da Educação Física Escolar e estarem presentes nas aulas, visto serem uma classificação do tema esporte (SALERNO; ARAÚJO, 2008).

A vivência do esporte para pessoas com deficiência no âmbito escolar, além de incluir os alunos com necessidades específicas na aula de Educação Física, traz aos seus pares que não possuem deficiência a percepção das diferenças auditivas, visuais, locomotoras e outras possíveis, bem como, a compreenderem as dificuldades enfrentadas no cotidiano de uma pessoa com necessidade específica. Com isso, educa-se para que estes alunos passem a respeitar as pessoas ao seu redor e compreendam que cada um tem uma forma de perceber e viver o mundo (SALERNO; ARAÚJO, 2008).

Como exposto, a vivência do esporte para pessoas com deficiência – desde que de acordo com a essência esportiva – traz conhecimentos e desenvolvimento a todos os alunos, com e sem necessidades específicas. Nas palavras de Bento (2004, p. 107) “o mesmo é dizer que não se ensinam e aprendem apenas para terem valimento no desporto, mas sim e essencialmente para vigorarem na vida, para lhe traçarem rumos, alargarem os horizontes e acrescentarem metas e meios de as alcançar”.

Atualmente, muitos cursos de Educação Física, sejam de licenciatura ou bacharelado, e também os cursos de Ciências do Esporte oferecem uma ou mais disciplinas que envolvem a relação entre esporte e inclusão. Tais disciplinas/conteúdos almejam contribuir para a

atuação do professor na perspectiva inclusiva, lhes oferecendo condições para compreender as características da pessoa com deficiência e como esta afeta a prática de exercícios (FERREIRA *et al*, 2013).

[...] a postura do professor da disciplina Educação Física Adaptada deve refletir um novo olhar sobre a pessoa, ou seja, não abordar apenas a parte do corpo que apresenta deficiência, mas levar seus alunos a perceberem que aquela parte do corpo pertence a um todo que é o próprio corpo, o indivíduo, a pessoa, o ser (SILVA; ARAÚJO, 2005, p. 33).

Em contraponto, quando fundamentado em Costa e Sousa (2004) nota-se que na prática a Educação Física Adaptada caminha separadamente da Educação Física geral. Esta separação pode ser justificada através da concepção de corpo modelo, que consiste no agrupamento dos alunos de um padrão corporal dito como ideal para as práticas, e aqueles que fogem a este padrão são tratados separadamente.

A Educação Física Adaptada - subárea da Educação Física - diante a inclusão, deve possibilitar compreender além das limitações, as potencialidades dos alunos, a fim de garantir a efetiva participação nas atividades de aula (SILVA; ARAÚJO, 2005). Considerando os novos rumos da educação inclusiva, a Educação Física e a Educação Física Adaptada necessitam ser tratadas como a unidade que são (COSTA; SOUSA, 2004).

Milan, Salles e Rodrigues (2017) investigaram a percepção de alunos sem deficiência sobre a vivência da Educação Física Adaptada, e concluíram que embora haja receio acerca de como se portarem perante a um colega com deficiência houve uma mudança na percepção dos alunos, estes adquiriram maior consciência das dificuldades, embora também surpresos e com determinada estranheza, alegaram terem superado as dificuldades e diferenças e reconheceram a importância e necessidades destas práticas no cotidiano. Para os mesmos autores os alunos passaram a perceber a inclusão para além do momento em que há alguém precisando de ajuda.

O esporte para pessoas com deficiência contribui para a inclusão de todos e sua presença na Educação Física escolar auxilia na formação integral, pois envolve além da aprendizagem dos conteúdos do currículo escolar, também o desenvolvimento motor e emocional de seus praticantes.

Este relato de experiência partiu da inquietação da pesquisadora acerca das possibilidades dos esportes para pessoas com deficiência na Educação Física escolar. Identificando o pouco conhecimento destas modalidades pelos alunos sem deficiência e a

O esporte para pessoas com deficiência na Educação Física: um relato de experiência dificuldade em incluir colegas com necessidades específicas em seus grupos e práticas convencionais. Encontrou-se nos conteúdos esportivos a brecha para inclusão dos esportes para pessoas com deficiência nas aulas, visto que, até então não faziam parte do projeto pedagógico curricular da instituição para a disciplina Educação Física.

Dessa questão problematizadora o estudo desenvolveu-se tendo como objetivo geral apresentar a possibilidade de inserção do esporte para pessoas com deficiência como conteúdo das aulas de Educação Física a partir do relato de experiência em turmas do ensino médio integrado¹ de uma escola pública.

Método

Este estudo, de caráter descritivo, trata-se de um relato de experiência que visa expor uma vivência pedagógica com a inclusão do esporte para pessoas com deficiência em aulas de Educação Física escolar para o Ensino Médio, pautando-se na revisão bibliográfica.

A técnica utilizada foi à observação assistemática, que consiste em recolher e registrar os fatos sem a utilização de meios técnicos especiais, obtendo o conhecimento através de uma experiência casual, sem que o pesquisador tenha um planejamento ou um controle previamente elaborado (MARCONI; LAKATOS, 2003).

As aulas foram ministradas enquanto componente do conteúdo curricular esporte, previsto no plano de ensino da disciplina obrigatória de Educação Física para turmas do primeiro, segundo e terceiro anos do ensino médio integrado de uma escola pública de ensino técnico e tecnológico federal no município de Uberaba – Minas Gerais.

Participaram das aulas três turmas de primeiro ano, três turmas de segundo ano e três turmas de terceiro ano do ensino médio, totalizando a participação de 261 alunos regularmente matriculados na instituição de ensino.

O conteúdo foi ministrado durante seis aulas de teor teórico-prático com duração de 40 minutos cada, divididas em blocos de duas aulas por semana durante o período de três semanas. Todas as aulas ocorreram no ginásio da instituição com materiais adaptados pela professora e pelos alunos.

O planejamento das atividades se deu por semana, sendo a primeira semana dedicada à apresentação e conhecimento dos esportes inclusivos e o estudo detalhado da modalidade Golbol. As duas semanas seguintes se deram a partir da organização de grupos de trabalho, para os quais as turmas deveriam se auto organizar e definir qual esporte para pessoas com deficiência iriam estudar, apresentar e proporcionar uma vivência.

Definidos os esportes (não foi permitida repetição de modalidades em uma mesma turma) os grupos deveriam preparar, com orientação da professora, uma vivência teórico-prática para tal modalidade, seguindo alguns critérios: 1. Apresentação de aspectos históricos e curiosos; 2. Principais regras e competições; 3. Características da deficiência incluída; 4. Material adaptado; 5. Prática guiada e orientada para todos.

Durante as aulas foram abordadas as seguintes modalidades esportivas inclusivas: Voleibol sentado; Basquete, Badminton, Tênis de Mesa e Esgrima para cadeirantes; Futebol e Karatê para cegos; Atletismo e Bocha adaptados; e o Golbol, esporte criado especificamente para deficientes visuais. A escolha destes esportes se deu por conveniência, de acordo com a infraestrutura física da instituição e o interesse dos alunos, vale ressaltar, que dentre os esportes trabalhados apenas o Karatê não é uma modalidade paralímpica.

Resultados

O **Golbol** foi a modalidade inclusiva estudada durante a primeira semana em todas as turmas, sob orientação e planejamento da professora. Por ser um esporte criado e praticado, para e apenas, por deficientes visuais não devemos utilizar o termo esporte adaptado para conceituá-lo. O golbol ou *goalball*, como descrito originalmente em língua inglesa, consiste em um jogo de ataque e defesa, sem invasão territorial e contato físico, em que as equipes são formadas por três jogadores cada, postados frente a frente em uma quadra de 18x9m e dividida em três zonas: zona de ataque, zona neutra e zona de defesa, por onde lançam uma bola esférica e equipada com um guizo que será responsável pelo efeito sonoro o qual guiará os atletas. Vence quem somar mais gols, em uma meta (trave) de 9 metros de comprimento.

Para a vivência escolar do golbol foram utilizadas vendas adaptadas a partir de meias (ou meiões) esportivas colocadas em sobreposição a fim de alcançar maior efeito de vedação, vale destacar que em nenhuma turma tínhamos presente alunos com deficiência visual. Na quadra, foram aproveitadas as marcações do voleibol, e sobre as linhas, colados com fita adesiva barbantes duplos para localização tátil. A bola utilizada foi a de basquetebol com baixa calibragem, devido a seu diâmetro próximo ao original, envolta de papel plástico que garantiu o efeito sonoro similar ao guizo. A meta (ou gol) foi criada com

O esporte para pessoas com deficiência na Educação Física: um relato de experiência
duas cadeiras, colocadas sobre o encontro das linhas laterais e de fundo ligadas por uma fita zebra.

Foram convidados a iniciar a vivência seis alunos que já conheciam o esporte, todos atribuíram o conhecimento e contato com a modalidade aos jogos paralímpicos televisionados. Dispostos em posição de jogo, os demais alunos da turma foram orientados a manter-se em silêncio para não interferir na dinâmica do jogo e assistir à partida. Foram realizados jogos de 6 minutos cada, e venciam aqueles que efetuassem mais gols, trocando assim os trios para um novo jogo. Com o decorrer da experiência e a notória dificuldade para orientação espacial através apenas da audição da bola, foi incrementada a figura do “chamador”, um aluno posicionado atrás da meta (gol) que poderia localizar seus atletas com comandos de lateralidade (esquerda e direita).

A experiência despertou nos alunos a busca por outras vias de percepção, diferentemente da visual, estimulando a superação e a adaptação. Foi notória a compreensão da necessidade de cooperação entre os alunos quando colocados em situação de igualdade, atitudes que visavam infringir as regras eram pelos próprios alunos denunciadas e repreendidas, demonstrando imersão aos princípios desportivos.

As práticas durante a segunda e terceira semanas ocorreram com a participação exclusiva dos alunos de cada turma, no entanto, este relato traz a experiência por modalidade esportiva inclusiva, visando concentrar o objetivo, os conteúdos e as vivências de cada uma delas em todas as salas.

Os grupos que optaram em estudar o **vôlei sentado** trouxeram aspectos de sua criação e inserção nos jogos paralímpicos, bem como as principais equipes e atletas nacionais. Quanto à especificidade da deficiência incluída, este esporte destina-se a atletas amputados, em geral amputações de membros inferiores, e é praticado sem auxílio de próteses, com os atletas dispostos frente a frente e separados por uma rede como no voleibol convencional, no entanto sentados ao chão. A redução da área de jogo foi demarcada pelos grupos com cones plásticos e a altura da rede regulada de acordo com a regra oficial da modalidade, os estudantes separavam as equipes considerando critérios de altura, sexo e vivência prévia no esporte a fim de garantir maior nivelamento técnico entre as equipes e uma prática homogênea.

Outros grupos escolheram estudar o **basquete em cadeira de rodas**, aqui pudemos observar maior variabilidade de adaptações. Alguns grupos optaram pelo basquete 3x3

praticado apenas na área do garrafão e com os atletas sentados em cadeiras com rodas – não cadeiras de rodas especificamente – aquelas de escritório que estavam danificadas e em desuso no almoxarifado da escola, guiadas pelo contato dos pés com o solo. Outro grupo optou por realizar apenas lances livres, com cadeira convencional disposta na linha de lance. Um terceiro grupo escolheu realizar a prática com os alunos sentados ao chão, reduziram a área da quadra para o espaço demarcado do voleibol e colocaram latões de lixo centralizados nas linhas de fundo que representavam as tabelas. Regras de deslocamento com a bola no colo e de faltas foram aplicadas na primeira e terceira vivência relatada a fim de garantir proximidade com a regra oficial.

O **badminton para cadeirantes ou Parabadminton** também foi abordado por alguns grupos, que utilizou das cadeiras de escritório em desuso para a prática. A quadra de jogo foi demarcada por cones e a rede adaptada a partir da rede de voleibol, raquetes e peteca foram utilizadas as convencionais, embora um grupo tenha tentado utilizar a raquete de tênis de mesa e uma peteca tradicional, adaptação que não obteve êxito. Esta vivência contribuiu para o conhecimento da modalidade convencional além da adaptada, visto não serem popularmente praticadas em nosso país, muitos alunos não conheciam as regras e formas de jogo.

O **tênis de mesa em cadeira de rodas** exigiu poucas adaptações dos grupos que escolheram estudá-la, a mesa foi levada a uma área ampla que garantia a circulação das cadeiras de escritório e as regras oficiais da modalidade aplicadas. Nesta vivência um grupo escolheu realizar uma competição entre os alunos, em que elegeram voluntariamente “atletas” e “árbitros” elevando a motivação e interesse pela prática proposta.

A escolha da **esgrima em cadeira de rodas** foi inspirada por um grupo em uma aula prévia da modalidade em seu formato tradicional. Como neste esporte as cadeiras são fixas o grupo utilizou cadeiras convencionais e o estilo escolhido foi o florete, adaptado com cabos de vassoura cortados na metragem oficial. Para a marcação do toque foram utilizadas tintas nas cores verdes e branca e a roupa dos atletas improvisadas com sacos de lixo. Esta vivência possibilitou a reflexão sobre a competição leal, com toques apenas para marcação no colete (e não lesão) e nas áreas corporais permitidas de acordo com a regra.

Muitos grupos escolheram estudar o **futebol de 5**, esta curiosidade se dá pela popularidade da modalidade convencional em nosso país. Todos os grupos reduziram a área

O esporte para pessoas com deficiência na Educação Física: um relato de experiência de jogo utilizando as marcações do voleibol, e nas linhas de fundo centralizaram as metas utilizadas no futsal. Como neste esporte não há saídas de bola pelas laterais e linhas de fundos, os grupos posicionavam alguns alunos que não estavam jogando sobre as linhas a fim de que evitassem a saída da bola e dos jogadores, que estavam vendados. A bola utilizada foi uma bola de futsal envolta por papel plástico a fim de reproduzir som similar ao guizo. Um grupo colocou moedas, entre a bola e o plástico para aumentar o som. Seguindo as regras da modalidade o goleiro era o único jogador sem vendas, e atrás de cada meta adversária estavam os “chamadores”, membro da equipe que realiza batidas na trave a fim de guiar seus jogadores pelo som para o alvo.

Um grupo escolheu estudar o **karatê para cegos**, a escolha se deu devido a um dos membros ser atleta e graduado na modalidade convencional. O esporte em sua versão adaptada não realiza combates (*kumite*), apenas apresentações de *Kata*, que são sequências específicas de golpes realizadas individualmente no tatame. O próprio aluno/atleta da modalidade realizou uma sequência com e sem vendas para enfatizar as dificuldades e posteriormente repetiu a vivência com os alunos da turma, repercutindo em um desafio de localização espacial e adaptação auditiva.

Os grupos que escolheram o **atletismo adaptado** focalizaram na corrida guiada e no arremesso de peso, por ser uma das primeiras modalidades esportivas o atletismo possibilitou diversos conteúdos históricos e curiosos, ampliando o debate cultural das turmas. Para as corridas foram utilizadas vendas nos alunos participantes e alunos guias amarados por uma fita na região do punho que deveriam guiar o aluno pelo espaço determinado caminhando e correndo, lembrando que o aluno guia não podia passar a frente do aluno vendado, assim como nas regras oficiais. Nas vivências do lançamento de peso, foram utilizadas cadeiras convencionais e fitas para fixar o quadril ao acento, evitando o ganho com esta movimentação e o peso adaptado a bolas de *medicineball* de um e quatro quilos.

Tiveram grupos que escolheram a **bocha adaptada**, esporte que exigiu maior grau de estudos e adaptações dos alunos, visto ser uma modalidade praticada com implementos específicos e área de marcação diferente dos esportes tradicionais de quadra. Para a demarcação da quadra foram utilizadas fitas adesivas do tipo crepe e as bochas confeccionadas com bexiga colorida (azul, vermelha e branca) e areia. Na baía de jogo foram colocadas cadeiras convencionais, as quais possibilitavam a prática sentada dos

alunos, seguindo as regras em sua originalidade. Os grupos mediavam às partidas enquanto árbitros e acrescentavam curiosidades, ressaltando o fato de alguns atletas da seleção brasileira paralímpica atual serem residentes e treinarem no município de Uberaba, assim como o técnico.

Dentre as vivências, o golbol e a bocha adaptada, obtiveram maior teor de novidade entre os alunos, que demonstraram interesse pela prática e características do jogo. Modalidades adaptadas de esportes mais tradicionais, tais como o voleibol, basquetebol e o atletismo, possibilitaram práticas mais competitivas e com maior nível técnico, indicando para uma possível transferência do conhecimento prévio dos alunos na modalidade convencional.

Modalidades menos praticadas no contexto escolar como a esgrima, o karatê e o *badminton* ofertaram maiores dificuldades operacionais aos alunos, pois precisaram, além de adaptarem-se a modalidade em si, buscar alternativas para driblar a limitação imposta pela deficiência representada.

A principal dificuldade adaptativa dos alunos se referiu a modalidades com privação da visão, mesmo em esportes tradicionais como o futebol, apontando para a dependência desta percepção por indivíduos videntes.

Em duas turmas, alunos com necessidades específicas participaram das práticas, um aluno com deficiência física no membro superior direito e um aluno com necessidade específica ainda não diagnosticada. O primeiro, devido à deficiência física, necessitou de maiores adaptações corporais nas modalidades que envolviam manipulação, a exemplo do voleibol, no qual ele recuava o braço esquerdo a altura do membro com má formação para realizar o contato com a bola, driblando assim a deficiência e apresentado bom grau de eficiência no movimento. Neste aluno, era possível notar naturalidade e aceitação da deficiência, por ele e pelos seus pares, também não parecia interferir em sua imagem corporal.

O aluno com necessidade específica ainda não diagnosticada apresentava relativa descoordenação motora entre os membros, o que lhe gerava maiores adaptações corporais para as modalidades de precisão, a exemplo do tênis de mesa, no qual a (des)coordenação óculo-manual era compensada com a diminuição da velocidade do jogo, permitindo maior quantidade de toques da bola na mesa até que fosse rebatida com a raquete. A incerteza

O esporte para pessoas com deficiência na Educação Física: um relato de experiência quanto ao seu diagnóstico limitava as intervenções pedagógicas, que eram baseadas pela percepção de aceitação do aluno e não necessariamente em suas necessidades reais.

Embora a diversidade de alunos e modalidades durante as aulas, a prática inclusiva foi possível, pois todos se encontravam em situações de adaptação motora e perceptiva para cumprirem as tarefas e driblarem o desconhecido.

Discussão

O ensino do vôlei sentado na escola foi objeto de estudo de Borgmann, Pena e Almeida (2016), que identificaram a partir do discurso de professores um consenso sobre a facilidade de ensinar jogos na posição sentada, relatando fácil adaptação e aplicação prática no ambiente escolar. Os mesmos autores salientam a boa aceitação dos alunos com a modalidade possibilitando a ampla participação das turmas.

Borgmann e Almeida (2015) anteriormente realizaram uma revisão bibliográfica acerca do esporte paralímpico para jovens sem deficiência na escola, localizando apenas nove artigos originais redigidos língua inglesa e portuguesa, apontando uma baixa incidência de pesquisas neste campo, no entanto, com gradativo crescimento no cenário mundial e com grande potencial de exploração e expansão.

No âmbito das modalidades praticadas em cadeira de rodas, Costa e Silva *et al* (2013) ao argumentarem sobre os aspectos psicológicos de deficientes praticantes de esportes coletivos, afirmam que o simples engajamento na prática esportiva é capaz de alterar a forma como a pessoa com deficiência se vê. Frank e Borella (2014) elucidam a prática do tênis de mesa para usuários de cadeira de rodas é também um meio para melhorar a qualidade de vida, potencializar ganhos de mobilidade, coordenação, raciocínio lógico, esforço e superação.

D'Angelo *et al* (2012) relacionaram a concepção de corpo ao uso constante de cadeiras de rodas, e detectaram que os indivíduos que utilizam a cadeira de rodas para a prática de esportes apresentam menos adjetivos negativos para aspectos sociais em relação a indivíduos que utilizam a cadeira de rodas apenas para as atividades da vida diária, indicando o benefício do esporte na inclusão social. Os mesmos autores ressaltam ainda sobre a disparidade entre o corpo que sentem e o corpo que acreditam ser visto pelos outros, demonstrando-se conscientes de suas diferenças e necessidades especiais e ainda do sentimento de completude em suas cadeiras de rodas.

Torri e Vaz (2017) na tentativa de compreender elementos de uma possível estética para os corpos deficientes encontraram a possibilidade de observar a beleza na eficiência, indicando que a estética no esporte paralímpico está no resultado, no gol. Conforme os autores, a beleza da prática de esportes por pessoas com deficiência vai além de corpos esculturais e performáticos, embora presentes, ela está relacionada a uma funcionalidade – ainda que pareçam menos aptos.

No que diz respeito à prática do golbol, Oliveira *et al* (2013) encontraram resultados interessantes, cujos participantes dessa pesquisa relatam benefícios psicológicos e sociais além de melhorias na mobilidade e autonomia, concluindo que a atividade tem um potencial socializador e recreativo significativo capaz de ampliar a inclusão da pessoa com deficiência visual.

Milan, Salles e Rodrigues (2017) utilizaram uma estratégia similar a este relato em sua pesquisa, os autores desenvolveram práticas de esportes adaptados durante aulas de Educação Física escolar e posteriormente questionaram os alunos participantes sobre a experiência, relatando que estes foram enfáticos ao afirmarem que estes esportes deveriam continuar no rol de conteúdos da Educação Física escolar por considerarem uma medida importante na diminuição da exclusão e um facilitador do convívio entre alunos sem deficiência, além de evidenciar o direito de todos participarem ativamente da aula de Educação Física.

Lopes e Nabeiro (2008) corroboram destas considerações, elucidando em seu estudo falas positivas de alunos do ensino fundamental quanto à participação de todos, alunos com e sem deficiência, nas aulas de Educação Física. Ainda, de acordo com os resultados, superando o mito de que as aulas de educação inclusiva ficam mais “fracas” para os alunos sem deficiência. O estudo vai além ao concluir que a eficiência logo superará a deficiência, visto que as crianças entrevistadas na pesquisa constroem a imagem das pessoas com deficiência a partir de suas potencialidades e não de incapacidades.

Por fim, Martins e Silva (2016) elucidam o crescimento de estudos na pós-graduação brasileira sobre a Educação Inclusiva, destacando a real necessidade da reorganização escolar, a fim de efetivar o direito de todos ao ensino de qualidade, muitas pesquisas surgiram tornando-se um campo fértil aos debates da formação docente.

Considerações finais

O esporte para pessoas com deficiência na Educação Física: um relato de experiência

O esporte para pessoas com deficiência é um conteúdo possível para a Educação Física escolar na rede pública de ensino, mesmo que em muitos casos, como aqui relatados, sejam realizadas adaptações. Conceitos históricos e curiosos contribuem para a formação cultural dos alunos e a adaptação de materiais para a formação crítica e criativa, além do estímulo ao desenvolvimento motor de crianças e adolescentes a partir de novas experiências corporais.

O esporte, seja ele para pessoas com deficiência ou não, deve atender as perspectivas educacionais e escolares que objetivam a cidadania. E, as adaptações necessárias serem pautadas nos princípios do esporte na escola *versus* do esporte da escola, conforme propôs Bracht (1992) em reconhecida e aceita obra na área da Educação Física.

Este relato traz uma experiência profissional positiva com o esporte para pessoas com deficiência em uma instituição pública de ensino, viabilizando estratégias iniciais para os profissionais de Educação Física que desejam e necessitam incluir estas práticas em suas aulas. Além de revelar percepções positivas quanto à educação inclusiva e proporcionar a reflexão sobre a empatia entre os estudantes sem deficiência, que se demonstraram mais conscientes e proativos para a inclusão e a participação coletiva. Ainda pode se observar ganhos quanto à massificação do esporte para pessoas com deficiência, na perspectiva do esporte paralímpico, entre os alunos sem deficiência e a comunidade escolar.

Referências

BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto**: discurso e substância. Porto (PT), Editora: Campo das Letras, 2004.

BRACHT, Valter. **Aprendizagem social e Educação Física**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BORGMANN, Tiago; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. Esporte paralímpico na escola: Revisão bibliográfica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, 2015.

BORGMANN, Tiago; PENA, Luís Gustavo de Souza; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. O Ensino do Voleibol Sentado nas Aulas de Educação Física Escolar. **Revista da Sobama**, Marília, v. 17, n.2, p. 9-16, 2016.

COSTA, Alberto Martins Da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e Esporte Adaptado: História, Avanços e Retrocessos em relação aos princípios da Integração/Inclusão e Perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

COSTA E SILVA, Anselmo de Athayde; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; PENA, Luís Gustavo de Souza; MOLCHANSKY, Sheila; BORGES, Mariane; CAMPOS, Luís Felipe Castelli

Correia de; ARAÚJO, Paulo Ferreira de; BORIN, João Paulo; GORLA, José Irineu. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 679-687, 2013.

D'ANGELO, Silvia Mayeda; SALERNO, Marina Brasiliana; SILVA, Rita de Fátima da; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Minha cadeira de rodas, meu corpo. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 10, n. 3, p. 113-141, 2012.

FERREIRA, Elizabete; LOPES, Raphael Gregory Bazílio; FERREIRA, Raul; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. Um olhar sobre a Educação Física Adaptada nas Universidades Públicas Paulistas: Atividades Obrigatórias e Facultativas. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 24, n. 4, p. 581-595, 2013.

FRANK, Robson; BORELLA, Douglas Roberto. Tênis de mesa paralímpico: Uma proposta esportiva para pessoas com deficiência. **Revista Conexões**, Ponta Grossa, v. 10 n.1, 2014.

LOPES, Andréia de Carvalho; NABEIRO, Marli. Educação física escolar e o contexto inclusivo: o que pensam os educandos sem deficiência? **Motriz**, Rio Claro, v.14 n.4, p.494-504, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª Ed. São Paulo, Editora Atlas, 2003.

MARTINS, Bárbara Amaral; SILVA, Rosilaine Cristina da. Formação docente na perspectiva da educação inclusiva: análise de teses e dissertações dos programas de pós-graduação em educação no Brasil. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, V. 26, n.53, p. 528-549, 2016.

MILAN, Fabrício João; SALLES, William das Neves; RODRIGUES, Lilian Beatriz Schwinn. Educação física adaptada como perspectiva de inclusão: percepção de alunos sem deficiência na educação física escolar. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 15, n. 4, p. 432-451, 2017.

OLIVEIRA, Claudio Humberto Sene de; PRADA, Adriana Cristina Barriviera; BOATO, Elvio Marcos; SILVA, Junior Vagner Pereira da; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; CAMPBELL, Carmen Silvia Grubert. O goalball como possibilidade de inclusão social de pessoas com deficiência visual. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 13-19, 2013.

SALERNO, Marina Brasiliano; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Esporte Adaptado como tema da Educação Física Escolar. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 212-221, 2008.

SILVA, Rita Fátima da; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. A Educação Física adaptada e o percurso para sua alocação enquanto disciplina na formação superior. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 3, n. 2, 2005.

TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte paralímpico: difícil inclusão, incorporação tecnológica, corpos competitivos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, 2017.

O esporte para pessoas com deficiência na Educação Física: um relato de experiência

NOTA

¹Ensino Médio Integrado: Integração do currículo educacional comum para o ensino médio ao currículo de um curso técnico/tecnológico escolhido pelo aluno no ato de inscrição para teste de seleção público.

Observação: Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização. Sem financiamento.

Sobre as autoras

Natália Papacídero Magrin

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Possui Bacharelado em Educação Física pela mesma universidade, atualmente membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Corporeidade e Pedagogia do Movimento e Professora voluntária no curso de graduação em Educação Física Bacharelado. Licenciada em Educação Física, pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais e Especialista em Educação profissional e tecnológica inclusiva pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro. Coordenadora dos Cursos de Pós Graduação EAD em Pedagogia e Psicologia do Esporte da Faculdade Unyleya.

Email: natimagrin@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5813-7091>

Laudeth Alves dos Reis

Mestre em Educação/UFTM. Pedagoga pela Universidade de Uberaba (1997). Área de Especializações: Psicopedagogia Institucional, Universidade de Iguazu (1999); Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva/IFTM. Atua como Pedagoga no Centro Socioeducativo Uberaba - CSEUR. Professora Convidada do Curso de Especialização em Psicopedagogia EAD e Semipresencial (UNIUBE). É Pesquisadora do Grupo de Estudos NUCORPO/UFTM (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade e Pedagogia do Movimento).

Email: Laudeth.alves@outlook.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3585-065X>

Naíma de Paula Salgado Chaves

Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Municipal de Ciências e Letras de Poços de Caldas (1989), Habilitação em Orientação e Supervisão Escolar e mestrado em Mestrado em Educação pela Universidade de Uberaba (2009) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é atua como Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal do Triângulo Mineiro, na função de Coordenação Técnica-pedagógica da Comissão Permanente de processo Seletivo.

Email: naima@iftm.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9440-6770>

Recebido em: 10/07/2020

Aceito para publicação em: 16/07/2020